

# A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Bras)

Número anexo: De semana, 1000; sábado, 1200

A inserção de anúncios na 4.ª página é feita mediante preços convenienciados

Director: EDEGAR LEUENROTE

Endereço: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO (BRASIL)

Endereço TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:

ANO, PARA TODO O BRASIL, 10\$000; SEMESTRE, IDEM, 6\$000

PARA O ESTRANGEIRO, ANO, 15\$000

O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

## A tosquia estatal

Ainda dura e parece tomar maior vulto a agitação provocada pelo novo imposto que vem de ser votado com o fim de salvar o tesouro da quebradeira a que ficou reduzido em consequência das hidroelétricas e esbanjamentos dos quadrilheiros acotados no poder.

Para nós — partidários de uma nova ordem social que não comporta os impostos, por ser baseada na igualdade de condições e na livre organização dos produtores e dos consumidores — todas as tributações são iníquas, pois que se destinam a manter a burocracia tirânica do Estado. Entretanto, achamos bastante útil a agitação, porque, alvejando uma exigência do governo mais evidentemente aldrada, põe em foco toda a sua função parasitária e opressora.

O hediondo canção social está, agora, bem exposto à luz viva da crítica.

Essa ilustre canalha que p'raí vive agarrada à governança, em todos os seus departamentos, roubou à vontade, esbanjou à larga, enriquecendo afilhados e os plumitivos prostituídos seus defensores — e agora, como o dinheiro começa a escassear e a sua ganância continuada insaciada, resolveu apertar o torniquete da tributação.

Forjaram a coisa em tres tempos e de forma a não atingir os grávidos do alto comércio, entre os quais também está gente sua. Os pequenos negociantes e fabricantes são os prejudicados — e, por isso, protestam, já tendo realizado uma reunião geral e muitas outras parciais pelas cidades do interior.

Entretanto, se quiserem vencer não poderão andar com medidas: neguem-se penitentemente a pagar o imposto.

Se derem ouvidos a secretários, aos grávidos e aos apelos para que ajam dentro da legalidade — terão de aceitar essa tributação e tantas outras quantas a corja governante precisar para as suas orgias.

Mas o povo também é interessado nesta campanha, porque será sobre, ele, a eterna besta de carga, que, emderadeira hipótese, recará todo o peso da nova exigência estatal.

Não lhe bastava a desocupação e a carestia da vida — vem ainda mais essa tributação à sua miséria.

Ainda havia um restinho de pele a arrancar — e os tosquiadores aí veem, de garras armadas, para a operação.

Sujeitar-se à paciência do povo? Não, não pôde ser, não é possível que tal suceda.

Basta! — chegou o momento de dizer. Aproveite-se do momento propício e corra-se de uma vez para sempre com estes ladrões que agem no abrigo da legalidade.

COISAS SANTAS

## DEFLORAMENTO NO INTERIOR DO TEMPLO DE S. DOMINGOS, EM UBERABA

O FREI AZULOU, DEPOIS, DEIXANDO A SUA VÍTIMA NO ARANDELO.

Denuncia a carta abaixo mais um desses crimes de que está cheia a vida clerical.

Es pour casca. E como não ser assim se os miseráveis vivem na vagabundagem viciosa, infringindo todas as leis naturais?

Mas vamos ao caso, que é o seguinte:

«Existe nesta cidade um convento de frades dominicanos franceses; entre estes salientava-se um religioso espanhol, de nome frei Egidio. Este indivíduo, de um dia para outro, desapareceu de Uberaba; agora sabe-se que ele deshonrou, forçando-a, dentro da torre da igreja, a filha da lavadeira do convento, Francisca de Jesus, já falecida.

A vítima vive nesta cidade e deu à luz ocultamente, morrendo o filho.

Os frades dominicanos, com a sua influência, tudo abafaram e o crime ficou impune. A cidade inteira conhece o facto. Fala-se que, pelo mesmo crime, saiu desta cidade, há anos, frei Leão, da mesma ordem.»

Soma e segue...

— *Então eu hei-de casar com essa protestante plebeia, militarista embora, eu que sou de família principesca e católica?*

— *Meu filho! agora que estamos arruinados, já não podemos ter esses escrúpulos religiosos...*

## O SORTEIO MILITAR

Há dias, noticiaram os jornais ter o ministro da guerra declarado a uma jornalista que, dentro em breve, a lei do sorteio militar obrigatório entrará em vigor.

E aí temos, evidenciado de maneira chocante, o objectivo da apparatusa cruzada militarista em que, por entre o embasamento imbecil de uma e as loucuras interessadas ou inconscientes de outros, andou empenhado o povo cuja dedicação patriótica era, até então, conhecida apenas pela sua habilidade em fazer falar as estrelas nas sonoridades dos seus versos bem burilados ou em gastar nas luxuosas despesas europeias os proventos da silenciosa ultra-parasitaria com que foi presentado há anos.

Temos, portanto, novamente pensando, qual espada de Damocles, sobre a mocidade brasileira a lei supremamente odiosa, que, há quasi uma década, scudiu o povo desta terra, arrastando-o para um dos mais belos movimentos de opinião que nos tem sido dado apreciar.

E qual será o procedimento, nesta emergência, desse mesmo povo que soube fazer recuar os profissionais da tardia na ocasião do seu primeiro arremesso contra a estabilidade de dafamília brasileira e do socorro geral dos habitantes desta parte da América?

Esta, exclusivamente esta pôde ser a resposta de resistência intransigente, de luta franca e decidida contra a lei maldita que, se a cheguem a executar, poderia ser a mortalha desta nação.

Não se pôde considerar senão como uma loucura, pretender-se arrastar para o parasitismo corruptor da camera um país que precisa de se entregar inteiramente ao trabalho produtivo, preparando-se assim para novos estados de civilização — a isso justamente, quando a história está registrando o maior dos crimes praticados pelo militarismo.



A trindade que sustentará o domínio do serafico quoquo

## O problema religioso

Se, no estado feitchista, o homem se edifica com fabulas, no culto está certo a edificação.

As classes cultas já se afastaram do estendal das mentiras e fabulas piedosas que só vigoram enquanto o nível moral e intelectual as tolera, ou inconscientemente admite. O atractivo da imaginação, a poesia e o sentimento religioso que Chateaubriand tão atratamente exaltava no *O Genio do Cristianismo* desapareceu do seio do catolicismo.

Os seus pretensos apóstolos abandonaram impudicamente o decore sacerdotal convertendo-se abertamente em traficantes sagrados.

A religião é o sentimento e o desinteresse, o início da sabedoria para os que, em sua nitidez sacerdotal, a veneram e compreendem.

Aqueles que impudicamente a desvirtuam e desprestigiam não são, portanto, religiosos, mas despurificados industriais torcidos.

Em qualquer das hipóteses antipositivas há infinitas, varias complicações opondo-se umas as outras, sem chegarem a um accordo, sem definitivamente se firmarem em bases demonstráveis.

O catolicismo e o protestantismo navegam ambos num mar de hipóteses extravagantes, de conjecturas irrisórias, de hesitações e incertezas, nascendo semelhante barafunda da absoluta escassez de bases inatacáveis que vantajosamente os aborrisse.

O cristianismo, como busca mante-lo o protestantismo, este mesmo estacionou, é incoerente, não acompanhou a evolução religiosa.

Aferrou-se, como uma mumia inanimada, aos três primeiros séculos crídeos, inspirado unicamente nas escrituras, num emaranhado dédalo de ficções, na rede de inverosímeis fabulas lendarias, que, já era tempo de substituir por claras e positivas noções científicas.

Assim, em todas as religiões pretensas divinas ou reveladas, ocupa lugar preeminente o sonho.

— O sonho, diz Afonso Celso, é nau de prata em mares de rubins.

Em todas, sem excepção, refere o germen do mito, da ficção insustentável, da esperança numa melhor vida, após o aniquilamento do corpo.

Não há maior absurdo! O homem procurou no céu o que não achou na terra, a felicidade sem nuvens.

Não se nega, apesar disso, ou talvez por isso, algo de consolador a essas ficções, mas, infelizmente, não passam de hipóteses absurdas, sem critério científico nenhum.

Assim, não será *ipso facto* nas escrituras baseadas no sonho, nos místicos extasis, nos arroubos da imaginação, que resolveremos satisfatoriamente o problema religioso.

O homem fragoçou ao enfrentar a solução das primeiras e finais causas do seu destino na terra, sendo evidentemente por erros acumulados, arrastado aos delírios, aos sonhos irrealizáveis, mesmo com o admirável talento de Luiz Figuer, na sua engenhosa obra — *Depois da morte*. A morte é o espantoso medonho, pavoroso, anito a qual se confrangem os sonhos mais afiutos.

— Pois morrer? pergunta cada qual a si mesmo.

Na luta porfada do homem para a conquista do planeta, a humanidade culta vive indefinidamente; mas, nenhuma sciencia até agora experimentalmente provou a existência da alma desprendida da matéria, sendo por abstracção.

A fé que demove e estimula o religioso, tem sem duvida, uma força magnetica incomparável, porque é a fé sincera, a crença firme, arraigada, que anima e compele o homem aos altos cometimentos, às acções meritorias, uteis, nobilitantes, que produzem os heróis e os martires.

Tudo se afundaria irremissivelmente no insondável pego, ou nesse apetecido doce far niente que equivale ao repouso absoluto, à imobilidade paradisíaca, o que seria o mais insuportável dos purgatorios.

A vida é o movimento e não o repouso absoluto ou a quietude beatífica.

O que estimula o homem ao aperfeiçoamento indefinido é o atractivo imaterial, a pesquisa indefinida pelo prazer de pesquisar, de saber, de criar, de progredir material, moral e psicologicamente.

A religião filosoficamente é isso e mais nada.

Tudo mais que a orna e a enfeita exteriormente é transmutável, efemero, eventual. Assim, toda a religião que, como a católica, se baseia no mito, nas ficções inaceitáveis, transformando-se a inevitavelmente. «Os teólogos inventaram os dados da historia, diz T. Braga, mas a realidade que se impõe ao culto, à veneração e à idealização artistica, é que a humanidade se fez Deus.»

O cristianismo, como ha uns lustros o mostrei na *Od Herança* (Ensaio historico) não é mais do que a revivescencia politica ou pagã.

«Em todo o trabalho da imaginação, diz o autor citado, em que se fundem elementos tradicionais e se adaptam a novas situações, ha sempre um motivo que estimula essa revivescencia e sincretismo.»

O protestantismo, por seu turno, enquerado no que outrora foi uma luz, uma salutar consolidação, mantem-se no mito, nas lendas criticas, como está exuberantemente provado por autores de incontestável reputação, como o precitado E. Renan, em todos os seus livros.

O homem do passado não é o de hoje, nem o que flutua no ambiente social se presta mais ao predomínio da imaginação, a fabulas que já não fertilizam as intelligencias nem harmonizam os sentimentos.

Cada fase da humanidade tem a religião que lhe assenta e a que, sem abandonar completamente o passado, estritamente se ajusta.

«Quando uma religião chega ao ponto de nada mais inspirar de grande e elevado, diz Tobias Barreto, quer no dominio ético, quer no dominio estético, é contudente que a historia vai dispensar os seus serviços, arrojando-a sem piedade para o remanso das aguas.»

Ensinar, incutir noções carinhosas ou benevolas, com contos de fadas ou de princezas encantadas, não atrai mais corações, nem atrasta proslitos convictos, entusiastas, como outrora.

— Se, no estado feitchista o homem se edifica com fabulas, no culto será outra a edificação.

Rio de Janeiro, 1915.

M. Guimarães.

## Aos assinantes

Na Mogiana

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha continua a percorrer todas as localidades serradas pela linha Mogiana.

Estamos certos que este avito bastará para conseguir dos novos amigos e estimados dezesz pontos o apoio de que carecemos afim de sustentar a nossa obra.

Na Paulista

Compareça, por estes dias, a percorrer a linha Paulista, visitando 1 das suas localidades, o nosso companheiro Vicente Amadio.

Visitard em primeiro lugar as seguintes localidades: Jundiaí, Campinas, Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Pirassununga, Palmeiras, Descalvado e S. João do Passa Quatro.

Repetimos aqui o mesmo apelo acima feito, certos de termos atendidos, momentaneamente de um companheiro que pela primeira vez vai viajar.

Para a boa vontade de todos fazemos um caloroso apelo.

## O livro

maldito!...

Oscar Cavalcanti, que acaba de publicar o livro mais anti-religioso e mais revolucionario que eu conheço, — *panfleto vermelho*, denominado — *Livro Maldito* —, como eu e alguns outros espiritos livres, formados na escola do materialismo, — na sua infancia — uma vítima da sanha clerical dos padres salesianos, num dos seus salões no bairro triste da Madalena, do Recife... Nós fomos sempre ante toda aquela pragmatia de escrotos e almas das religiões — os dois grandes revoltados. Ora, avalem os senhores — que a rosaria era a preocupação de todas as almas, uma nova função organica, o unico meio de carinhos e de delicias para consolar, na sua monotonia dos idistas — os santos todos, os anjos dispendiosos, o Padre Eterno — evanescente espirito do imbecil. Por qualquer acção, era um hino em louvor a uma santa historica, figura ridicula de alguma velha carola, morta, podre de rica — entre padres e frades que lhes santificaram a vida, mediante os legados completos do ultimo testamento... Todas as semanas, a confissão, era uma regra infalivel, uma especie de tenico espiritual, a eucaristia diaria, antes do café — semilava-se-me uma dessas drogas vulgares que se ingerem em jejum para bem se regulamentar as funções digestivas...

Os pais, de estampanha deturpada — nos excitavam a curiosidade de crianças, frades de espiritos, envenenavam-nos o raciocinio, com esses dogmas infalíveis, com esses preconceitos religiosos e imbecis. E na maioria daquelas contagens de caplivos — essas maldades bravaram, rolariam em lanternas de ideias, em pobreza de sentimentalidades...

Os fomes o estudo das matematicas, o impulso das sciencias fisico-químicas — o certo foi que crisl aversão a todas aquellas infâmias, revoltou-me contra todas as mentiras. E aos poucos, desapareciam, de mim as crenças da santidade humana. Os santos, e o que bem lhes conhecia a vida e os costumes — não passaram do velhos idiotas, de tarados ancestrais, corpos imundos que nunca se lavavam, fãminos, lorjais...

Os anjos, eram mentiras consoladoras; consoladoras porque se apressavam a toda a calera de devotos que na religião do Paraíso — eles seriam, os seus domesticos eternos, uns criados obedientes a todas as suas vontades de monomaníacos. E a noção de Deus apagou-se-me da memoria, como um dezoito mal trapado numa folha de papel branco. E eu andava livre de todas aquelas asneiras, de todos os carolismos exagerados.

Era obrigado a ali ficar como um escravo. De nada me valeram as fugas repetidas: assim os criados em minha perseguição, morriam em minha perseguição, e lá voltava outra vez, descoberto no meu esconderijo, morto de fome, doente de medo — para o meu carcere tristonho, para a hipocrisia da religião catolica.

Os restantes tres anos que ali passei — fui um perpetuo revoltado: nunca mais os meus labios murmuraram uma prece, a minha boca de malditamente trago a eucaristia de uma hostia...

Então, a companhia do Oscar Cavalcanti foi um consolo: fiz a coro com as minhas preleções, apoiava as minhas revoltas de volta-reano, sofria com as privações dos castigos brutos...

Chagamos até a publicar em manuscrito um jornalco do propaganda — *O Pádrão* — grilo escuro







E a isto que lhe digo, acrescento-se mais que não temos nem precisamos de tribunais, nem de juristas, nem de soldados, como os homens que, fingido à da Natureza, que a todos dá a vida, ditam leis perversas, detestáveis, vergonhosas, com que oprimem seus semelhantes dividindo-os em duas classes — uma, a dos privilegiados, dos felizes, dos exploradores, dos parasitas, e outra, a dos miseráveis, dos explorados, dos escravos, que, produzindo tudo, vivem, no entanto, na miséria, sem direitos nem garantias de vida...

O sonho, então, se tornará grave, degenerando-se num pesadelo que se prolonga até o amanhecer.

E Aleixo, farto de ouvir condenações, queria escapar das invejas de seus interlocutores, que o chamavam de parasita, miserável, ladrão...

— Que faz entre nós, dizem-lhe, em obra os animais? Volte para a sua cidade, vá explorar os seus semelhantes com as suas casas de aluguel, com a sua fábrica, com a sua fazenda, com o seu dinheiro a juros fabulosos! Vá para lá e logo! Nós não queremos em nosso meio. A sua convivência pode corromper-nos!

E Aleixo, então, mesmo em sonho, murmurou: — Eles têm razão! Os castores, as abelhas, as aranhas, os joelhos-de-barro, as suas casas, o seu mel, as suas teias, tudo o que eles produzem serve a todos eles e entre eles não há nem mendigos nem exploradores.

Nisto, porém, o seu sono se transforma em cenário de um acontecimento provocador de gargalhadas pela estupidez do seu origem.

— A mulher, que nada sabia do caso, acordou com o rebulido do homem no meio que todo se estremecia com a agitação produzida pelos seus desordenados empurrões.

Aleixo estrebuchava, dava coices e murros a torto e a direito, a ponto de atirar com a sua carmateda ao chão, fazendo grande estralidoço.

— Acabam, acabam! — gritava ela com louca.

E lá vem o pessoal da casa em alvoroço acudindo ao chamado.

Entram no quarto os filhos, os criados de Aleixo, que ainda se o-torço, esbraveja.

— Que será! — gritam espantados.

Nada, nada, — murmurou, abrindo os olhos, foi um sonho feio, nada mais.

Estimado...

EM UBERABA

## UM FAÇANHUO ESCULAPIO LAMBE GALHETAS

Possimo individuo e otimo capacho dos padres

Com a carta abaixo, consagramos nestas colunas um dos mais perfeitos jesuitas de casaca que infelicitou o interior.

Senão vejamos este pano de amostra:

«Já que os dirigentes não protestam contra o mal que nos acubruha, dia a dia — o clericalismo, vimos valer de vossas colunas para tal.

Infelizmente, reside por estas bandas um medico que vive a bajular bispos, padres, freiras e tudo mais, que cheira a jesuitismo, insultando a todos que não ressam pela sua cartilha. Ultimamente, valendo-se do titulo de presidente duma serafica agremiação, andou pelas colunas dum jornal a insultar a França, pelo facto de ter banido o clericalismo e o jesuitismo.

Tal medico, que tem um passado negro, desde a sua terra natal, aqui é acusado de factos imorais e indignos.

A pesar disto, em concubinato moral e intelectual com um grúdo da Igreja e, é seu porta voz!

O tal medico sustentou tal campanha com o fito de ser agraciado pelo Santa Sé com o titulo de conde, á moda Laet e Afonso Celso!

O nosso povo, se tivesse energia, já devia ter repellido de seio tal individuo, que só se recomenda pela brutalidade, pelo egoismo e pela bejulação ao clericalismo.»

## AS MISERIAS DESTA SOCIEDADE

Em uma destas noites, após a leitura dos jornais, quasi-me aborci, conjecturando sobre as misérias desta sociedade corrupta. E deduzi, com tristeza, que a civilização está muito estragada e muito estragada ainda.

Motivou isso o assunto agora sempre em foco nos jornais, que narram, dando-lhes um belo colorido — as festas pré-félagas.

Como se sabe, essas festas constantemente realizadas nesta capital, com todo o aparato carnavalesco, e as festas de caridade em benefício das vítimas da seca do norte.

E sempre assim. A classe dos opulentos, os ladrões e opressores do povo, não sabendo como sair da monotonia da vida que a opulência lhes cria, da ociosidade em que vegetam, vivem a arquitetar meios para satisfazerem seus caprichos e para se divertirem.

Assim é que quando a classe desprotegida, vítima de seus caprichos e de suas rapinagens, é atingida por uma calamidade, produzido sempre desta sociedade cujos alicerces são o crime e o roubo, eles se alvoroçam em beneficências e filantropias, promovem festas carnavalescas e ridiculas, que degradam a civilização, e cujo movimento está longe de ser a solidariedade, mas sim a vaidade de uns e o interesse de outros.

Validade, porque as damas e senhoritas que concorrem a elas o fazem para se exhibirem ostentando luxo, e para serem lidas e ouvidas, como aquela que no Banco Italiano fez pagar cincoenta mil reis, pelos seus lindos olhos.

Interessa de outros, porque não poucos capitalistas e negociantes auferem lucros com estas festas retumbantes, cujo produto, depois de engrasosar os seus capitais, é distribuído às misérias, não minorando de modo algum a sorte dos infelizes.

Parece que, por uma coincidência trágica das coisas, em solidariedade com a corja parasitaria, toda a sorte de doenças e enfermidades, que são os fenômenos cruéis da natureza, vêm atingir em peso a classe dos que lutam pela vida.

Os que aliam a seus preconceitos religiosos, que, por infelicidade, ainda não se pôde banir de todos os cérebros, apesar de ser insano, a pagagem para tudo é obra da grande bondade e sabedoria divina, que, na sua infinita bondade, não deixa de nos dar o pão e o sofrimento para este, para que aquele, com a caridade, possa obter a sua salvação.

Enquanto ao pobre, quanto maior for o seu sofrimento maior será o seu galardão no céu!

Oh! infelizes, que obscurecerá a vossa inteligência, que não divisa o claro; de quanta mancha e hipocrisia são revestidos os capulhas que vos impingem estas ideias!

Bemaventurados os pobres de espírito... porque sem eles a religião cairia como um manto sobre os empujados de todos os preconceitos, basta refletir sobre a seguinte existência, onde a existência de Deus é uma fantasia criada para manter a sociedade da opressão e do crime.

Tanto os pastores católicos como os protestantes, em suas prédicas, costumam citar, entre outras coisas boas, trechos do evangelho que lhes dizem necessário praticar, para ser candidato a um logradouro no céu.

Trechos como estes que se seguem: Andando Jesus a pregar, aproximou-se dum mancebo rico, que interrogando-o sobre o que devia fazer para ser bom e alcançar a glória eterna, ouviu de Jesus:

«Se quer ser perfeito, vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu.» E o mancebo, ouvindo estas palavras, retirou-se muito triste, porque possuía muitas propriedades, (naturalmente disse com os seus botões: «Não vou!»).

Diz o evangelho: «Disse Jesus aos seus discípulos: «Em verdade vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino de Deus.»

— Evang. S. Mat., cap. 10, vers. 16, 21, 23 e 24.

E quando os discípulos a pregar, exortou-os dizendo: «Não ajunteis tesouros na terra, onde as traças e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam, mas ajuntei tesouro no céu, onde as traças e a ferrugem não consomem e onde os ladrões não roubam.»

— S. Mat., cap. 6, vers. 19.

«Não possuais ouro nem prata em vossos cintos. Dai de graça o que de graça recebestes.» S. Mat., cap. 10, vers. 8 e 9.

Diz ainda Jesus no sermão da montanha: «Quando deses esmolas, dai com a mão direita de modo que a esquerda não veja, e não faças troço trombeta diante de ti, para seres glorificado pelos homens.» S. Mat., cap. 6, vers. 2 e 3.

No entanto, não é bem notório que não seja segredo em parte estas mandamentos? Não são eles, ao contrário, muito apagados aos tesouros e aos bens terrenos, não tendo lido a sua cabeça desmentido, sempre na ancia de mais ajudar? Oh! o viciado com a sua imensa riqueza!

E quando recebeis um sacramento da Igreja, des de vos do de graça? Não deveis pagar o batismo, a comunhão, o casamento, etc.? E se querdes a eucaristia, não deveis pagar a última mordida? E para regatar uma alma do purgatório, não é tudo a troco de vida eterna?

E quando des de uma esmola, não é sempre ao som da trombeta? E outras baleias e contradições que eles vos impingem, que não expõem aqui, mas que o farei em ou-

## JUDAS

Oho Cristo se chegou como um bandido torvo  
E um beijo lhe deu na fronte. Era o sinal...  
O bandido cego e ferido — alma sem de corpo —  
Cercou-o... Entre ladrões, ao madeiro fatal;

Foi pregado, e expirou, tragando em largo sorvo,  
De atro suplicio o fel... Judas, como um chaval,  
Desse instante... tremeu e viu, como um estorvo,  
Verde figueira, além, clamando o grande mal...

E, roído de remorso, ele, então, passo a passo,  
Erou-se rumo até que, da figueira ao braço,  
Enfocou-se, a gemer na noite da demencia...

Verde figueira, em vão que vós os esperais!  
Os Judas de hoje — ouvi! — torpissimos chacais,  
Não têm, como o outro, um resto de consciencia!

Coritiba.

Florindo Pimentel.

tra ocasião, que provam abertamente que Deus não existe, porque se existisse exigiria severas castas dos bandidos que infestam a terra.

E não é só a odiosa gente da Igreja que assim procede, como tem a casta parasitaria, os usurpadores do povo, os interessados em manter a religião. Quando dão uma esmola, que já é por si bem humilhante para quem a recebe, fazem soar atroadamente as trombetas, e depois que recebem os elogios a que fazem jus, deixam-nos no olvido, desprezando as dores alheias.

Assim é que já ninguém se lembra dos operários sem trabalho. Acontece o mesmo com as vítimas da seca e ainda com as famílias dos soldados que deixam a vida no campo de batalha, defendendo os interesses dos senhores feudais.

A caridade deles é semelhante ao fogo fútil: perdura enquanto forem precisas vítimas para sacrificar em holocausto ao deus capital.

Depois que estiverem saciados de tanto sangue, não se ocupam mais daqueles que, chorando a perda dos seus queridos, continuam, aqui naufragos, debaixo de contra as ondas fúrias da vida, enquanto existirem as duas classes sociais.

E pensar que se houvesse entre nós a união e a solidariedade que existe entre nós, não teríamos hoje que lamentar a perda de tantas vidas preciosas — a mocidade ceifada!

Constituindo a grande maioria, não seríamos força capazes de fazer os nossos direitos e impor-nos estalamos: aquele que não produz não tem direito à vida.

Povo sofrido, companheiros e companheiras! Que o sangue das vítimas tombadas faça brotar em nós corações mais sentimento de união e solidariedade, afim de que não cessar tão horrível carnificina, cujo epílogo longo de ser uma conquista para os nossos algozes, sirva, sendo para a completa realização, ao menos para um estrago dos nossos ideais!

S. Paulo, janeiro de 1916.

Isabel Carrari.

## EM PORTUGAL

### A questão religiosa

Fala um chefe politico

### As religiões oscilam

Em bem sei, cidadão, que as religiões reveladas caminham para o aniquilamento. Todas teem procura de matar a sciencia, mas, por fim, serão elas que, transformando-se, hão de ser as victimas definitivas.

Mas, enquanto existirem, temos de contar com ellas, como depois contaremos com as que lhe succederem.

O protestantismo vai-se esaurindo. Tem vivido já muito tempo pelo impulso formidavel que lhe deu Luther, esse estranho homem, que no dizer de Michelet, prestou o grande serviço humano de dar ao crente: «Ai tens a bíblia, mas é preciso que a saibas ler e no dia em que a souberes ler, dispensarás o intermediário para chegares até Deus, porás de parte o interprete da tua crepna: lê a bíblia tua e o senhor da tua alma e a bíblia tua, mantendo livre, natural e discreto o templo do teu lar.»

Mas porisso que a interpretação da bíblia foi posta ao alcance de todos, a sua analyse foi instante e rigorosa.

O dogma tem soffrido investidas cruaes, e como sendo não ha religião revelada, o protestantismo caminha, pela transformação, para o seu aniquilamento, ficando uma fórmula de consciencia eclesiastica, em que, como mais especialmente na Inglaterra, uma mera associação de soccorros mutuos. Será ainda um quezito de seculos mas se-lo-ha infallivelmente. Sim, de seculos porque

aquilo que creou habitos ancestrais não se apaga com facilidade.

O catolicismo não está menos abduido, e apesar das variadas infiltrações de rejuvenescimento que lhe tem sido feitas, o seu fim, embora a longo prazo, é inevitavel.

Foi-se-lhe embora a concepção do céu no dia em que Gallien afirmou que a terra que se movia no seu giro interrompeu o eterno. Igualmente se lhe esbarrapou a concepção da vida terrena no dia em que Lamarck e Darwin demonstraram que o homem não era mais do que o termo final de uma larga evolução, acidental e eusica, que, da monera até nós, tem vindo, através de idas sem conta, galgando os degraus da sua progressão.

Em breve chegará o dia em que a Igreja, embora mudando-lhe os termos, se apropriará da fórmula de Carlos V: «Mais vale descer da montanha apertado do que de um Adão degaçoado.»

Mas, não nos ludamos, esse catolicismo, que servios reais presteu através da historia, ainda projecta, no espaço, a sua sombra gigantesca. E a sua arvore, quasi seca, mas de grande e imponente silhuetta.

No seu tronco oco e catcomido, procuram asilo, infelizes e desgraçados. Nos seus ramos exaustos, ainda fazem ninhos aves que gorgeiam os hinos da vida e do amor. Uma multidão de crentes, sobretudo de mulheres e de homens místicos ou sentimentais, pedem a protecção das suas ramagens secas, que, mesmo a desfazer-se, dão ainda um pouco de sombra.

O homem de estado, que mereça essa designação, não pôde pois deixar o machado das raizes da arvore embora murchas. Já não tem seiva, mas está duro, como que petrificado. O gume do machado emborstar-se-lhe a arvore florida de pó. E' mister confiar de tempo em tempo o aniquilamento completo, e, no entanto, procurar conciliar para a vida social harmonias, os crentes que se agasalham na sua sombra espectral. Quer dizer, sendo impossivel destruir o catolicismo, urge dispor as coisas para viver com ele e ir empregando todos os esforços para criar a força social que lhe ha de succeder. E o que tem feito os povos intelligentes. Em Portugal não se procedem assim. Se tivesse havido uma nitida visão dos acontecimentos, teria sido facil encontrar o poder dos bispos romanistas e protectores do jesuitismo, captando os padres que, no seu geral, genuinamente portuguezes e patriotas e que bem recebiam o gesto protector da Republica que os libertava da perseguição jesuitica.

Se não que sobre o caso entendendo, cidadãos.

E' claro que não gasto tempo a falar-lhes do jesuitismo. Esse é uma familiaridade de crencas e como tal merece castigo e repulso. O homem que caviliosamente falsificar a fé das pessoas simples, merece castigo, como aquelle que conscientemente adultera os generos de primeira necessidade. Tanto deve ir para a cadeia aquelle que dolosamente altera o peso como o que malevolamente explora a creença.

Os jesuitas foram postos fora de Portugal e muito bem e sobre eles toda a vigilância seer pouca.

Se estas as minhas ideias de sempre. De sempre, antes da Republica e depois da Republica.

Podia ler aqui extractos de discursos meus feitos depois de muitos annos e de artigos escritos desde os extremos da minha vida politica. Pensar sempre assim, e é por isso um livro pensador, que me assiste essa inextinguivel força moral com a qual tudo tenho affrontado, insultos e calumnias, — na desluta coerente das minhas ideias.

A QUESTÃO DO MOMENTO

AO REDOR DA GUERRA

## Agitação contra mais um assalto do fisco

A União Geral dos Trabalhadores intervém no movimento e promove comícios — O processo da primeira reunião e do primeiro comício — Amanhã haverá um outro

A União Geral dos Trabalhadores entendem acertadamente que não podia manter-se indiferente ante a grave questão que está interessando a opinião publica.

Resolveu, pois, convocar os seus associados e os trabalhadores em geral para uma reunião que realizou no salão Almeida Garrett, no dia 30 de mez passado, e que foi muito concorrida.

Nessa animada assembleia proletaria falaram varios companheiros proferindo a acção governamental na questão do novo imposto e no caso de Riteiro Pires.

Foi, por fim, aprovada uma moção concretizando as ideias expostas e resolvida a realização do comício que teve lugar no domingo passado, no largo da Conceição.

Esse meeting obreiro, apesar do mau tempo e do aparato policial, que transformou o belo largo numa praça de guerra, foi coroado de grande exito.

A concorrência, que foi bastante numerosa, mostrou-se cheia de animação, aplaudindo com calor os oradores quando eles estigmatizavam com energia a obra nefasta dos oligarcas paulista e da burguesia em geral.

O comício foi aberto pelo companheiro Aquilino, da União Geral dos Trabalhadores, falando a seguir José Romero, A. Nalepinski, T. Monicelli, do Avanti!, Mafel, Edgar Leuenroth, da A. Lavoura, e, fechando o Romero, em nome da U. G. dos T., convidando os trabalhadores a tomarem parte nos outros comícios que vão ser realizados.

Amanhã, ás 17 horas, realizar-se-á um outro comício no largo da Sé, devendo falar varios companheiros.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

## ECOS GAUCHOS

Daqui desta catolica cidade de Santa Maria, enviei esta minuciosa croniqueta para a A. Lanterna, esperando que a sua leitura seja proveitosa.

Continuarei a enviar para si alguns noutros impressões e correspondencias. Acreditem os camaradas que aqui, neste Estado, não ha um jornal livre e que se possa mandar publicações de um homem emancipado.

Em Porto Alegre, capital desta «modelo Estado», havia a A. Aurora, orgão da «Federação Operaria», que cessou de ser publicação. E só. Não se pediu logo do Brasil a propaganda operaria é frágilissima, exigua, quasi apagada. Em Santa Maria, a editorial domina escandalosamente, e não só ao colono, ás moçinhas ingenuas e ás velhas endurecidas na bestice, mas a todos do magistrado e ao poder municipal. Enfim, o padre aqui é voz activa, tem mandado... sobre a ignorancia, já se vê, ou antes, sobre o burguez, na sua concepção distinta e caracteristica. Ha aqui uma revista anti-clerical, A. Reação. Mas o clero aqui está enarrazado, e se isto progredir, a propriedade pouco a pouco passará para a Igreja — filial do Vaticano.

Pois bem. E', por isso, necessario fazer alguma propaganda aqui no sentido de que seja divulgada a A. Lanterna.

Quanto a propaganda operaria, isto se conseguirá com o auxilio de alguns emancipados que aqui tentem, fundar uma associação sindical ou semelhante. Cntro de resistência operaria, pelo menos, é o que é preciso. E eu deo — amarelo — que já se tem tentado varias vezes. Já se trabalhou para isso. Os operarios daqui, porém, estão muito abuzados e relaxam toda ideia de união.

Depois, em tempo que não vai longe, eles tinham uma associação das classes laboraes, mas não se davam conta do que faziam, nem compreendiam a sua missão. Festejavam o 1.º de Maio com festas, musica e foguetes.

Dando-nos conta dessas consciencias, emancipando-nos, respondendo com os preconceitos dos trabalhadores com effim affim de, familiarizando-nos com o seu movimento, com a sua luta, e procurar encaminhar-nos pela vereda da verdade.

— Chico Rebelde.

## OS QUE PROTESTAM CONTRA O GRANDE CRIME

A Associazione Nazionale Giordano Bruno

Esta associação, com sede central em Roma, n.º 1 Via de Porta Angelica, 25, enviou-nos o protesto seguinte:

«Aos livres pensadores!

«Um crime está guerra europeia, um crime abominavel por causa da imensa catástrofe que se despenhou sobre a Europa.

Ha mais de trezentos milhões de pessoas que dela soffrem os terribes effeitos, quasi a Europa inteira, a Africa, a Asia, a Oceania mesmo tambem dela participam; enquanto que a responsabilidade proxima dos dois imperadores dos dois imperios do centro e dos seus exercitos que quizeram desastiar o mundo com o fim de comandar e submeter outros estados e outros povos: imperialismo anacrónico no XX seculo pois, nacionalidades para sempre constituidas e leis internacionais tinham encerrado a era das conquistas e da vassallagem.

Nevia bem a guerra civil, a Alemanha se preparava para a abominavel empresa. Esta está coesa, firme e resolvida a entender a sua dominancia na Europa, a recolher e sobre as ruinas dos outros povos. Ela está persuadida, conquistando o mundo, de cumprir a sua missão divina, de desempenhar a missão de um povo eleito e está convencida que nada pôde resistir á sua força organizada. E tal como as hordas de Gengis Khan, se lança sobre os povos, ella invade as nações levando por toda parte o terror, o fogo, o terror, a morte, a destruição de tudo o que se opõe á sua marcha devastadora, invocando o nome de Deus. Ella que vencer e submeter. Ella que se invade barbaras que estavam agora esquecidas, ella as torna mais feroces ainda graças ao auxilio da sciencia ao serviço da barbaria.

Ella destrói a Belgica, o jardim da Europa; não respeita nem as vidas humanas nem as consciencias e as industrias, nem os monumentos historicos, as grandes recordações nacionais. Ella que mesmo destruiu a historia dos franceses e dos franceses guardada nos monumentos seculares unicamente impellida pela inveja e pela brutalidade.

Quanto a Louvain, Malines e Reims são devastadas e estas ruínas deshonrarão para sempre um exercito e uma nação que se vangloria de ser civilizada.

A associação «Giordano Bruno» que tras o estandarte do livre pensamento protesta contra o crime do mundo civilizado contra esta vergonha da humanidade e invoca a adesão de solidariedade de todos os povos e de todas as nações.

«No XX seculo, na Europa, entre as nações civilizadas, não se coeocor a guerra civil.»

Já dissemos: o nosso protesto atinge a todos os potentados dos países beligerantes — porque a todos elles cabe responsabilidade do flagello horrivel que está infelicitando a humanidade.

Insistimos em protestar a nossa solidariedade ao povo de todas as nações conflagradas, pois que não o consideramos culpado da guerra, da qual elle sofre todas as consequências.

Não juntamos num só bando de bandidos todos os dirigentes, contra quem deve ser declarada a nossa guerra.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

## O Grupo de Propaganda Anarquista, de Niteroi

Nma das suas sessões, o Grupo de Propaganda Anarquista, de Niteroi, aprovou a moção seguinte:

«Considerando:

«Que a guerra actual, como todas as guerras modernas, tem como causas essenciaes o antagonismo de interesses comerciais existentes entre as nações ora em luta, o patriotismo politico e convencional e sistemas que de facto não existem e fomentam a guerra;

«Que as guerras, todas as de nação para nação, resultam sempre em beneficio das classes capitalistas e governamentais e sempre em prejuizo das classes existentes entre o povo em geral, quer noutra parte dos beligerantes; e

«Que todas estas razões, que a critica anarquista já havia assalutar antes da guerra actual, continuam com a mesma força destructiva de verdade provada;

«Resolvem externar em publico a sua absoluta incompatibilidade com os guerreiros de qualquer natureza em peles e com os frateros saugado de solidariedade aos camaradas de todo o mundo que se não deixaram seduzir na hora da Alemanha desabar de crimes, pelo furioso odio patriótico e pretensamente defensor da civilização.

«Viva a anarquia!»

## «A Lanterna» em Belo Horizonte

«Vendo-se na casa dos srz. Giacomo Aluotto e Irmão, 4 rua da Bahia, 998.



